

Brasília em debate

CORREIO BRASILEIRO

DF

30 JUN 1986

Brasília demanda, mais que qualquer outro lugar do Brasil, uma constante revisão, uma permanente autocritica. Porque aqui se imaginou construir a utopia, não apenas no bom sentido, até no melhor. A utopia urbanística de Lúcio Costa, decorada esteticamente por Oscar Niemeyer. A futurologia feita asfalto e cimento e mesmo jardins. De qualquer modo a utopia, logo começando a ser distorcida, às vezes envenenada. Mas Brasília tem conseguido reagir, mais que meramente sobreviver. Ela cresce e afirma-se. Tornou-se uma cidade, mais com qualidades que defeitos, sem bairrismode brasiliense nato ou adotiva. Brasília veio para ficar, contrariando os céticos, desmentindo os pessimistas, exorcizando os fantasmas. Por mais que neles não acreditemos, como a bruxa dos espanhóis, "que las hay, las hay".

São os fantasmas que se materializam na desordem urbana a caminho de crônica também no Distrito Federal, não dando mais tempo para se erradicar uma favela, logo aparecendo outra no mesmíssimo lugar. Os desajustes rurais se encarregam de abastecer a inchação das cidades. O combate termina consistindo em remar contra a maré. Não há recursos que cheguem, aliás sempre insuficientes na própria origem, pródiga em jogar dinheiro, no que o Estado não deve fazer e avara nos autênticos investimentos, aqueles na educação e saúde das gentes.

Apesar de tudo, é uma vanta-

gem ser governador da capital da República. Ela continua obviamente perto do centro das decisões federais, isto é, da Presidência da República, e o governador assim se faz ouvir melhor, sobretudo quando amigo do Presidente como prossegue acontecendo até hoje, com os governadores nomeados. Se eles um dia vierem a ser eleitos, então a conversa será outra e ninguém pode prever qual. O Governador José Aparecido, portanto, dispõe de vantagem que vem sabendo usar com discrição, prudência e compreensão, inclusive dos que dele discordam. Sem dúvida um governador democrático.

Agora mesmo ele tornou público um diálogo seu com o ministro do Desenvolvimento Urbano, Deni Schwartz: "Corrigir as distorções do crescimento desordenado e para integrar as cidades-satélites ao Plano Piloto". Um projeto que ele vem procurando com inegável afinco. Porque aí está o quadro dos problemas brasilienses, só que, outrora a inchação se registrava na periferia, mas hoje já chegou às chamadas zonas nobres do lago. Em primeiro lugar, disse-o muito bem o governador do Distrito Federal: "Brasília não pode salvar-se sozinha ou por si mesma". Por mais que se invista aqui, tem-se de resolver a questão noutros lugares exportadores de problemas, missão que não compete ao GDF. Em segundo lugar, Brasília "é parte e síntese da grave realidade brasileira". Ante a prioridade concedida pela Presidência da República aos proble-

mas sociais, "é natural que Brasília, sede dos Três Poderes, seja o ponto de partida para o redimensionamento dessa questão".

Isso está ocorrendo, sem dúvida.

Continua funcionando o laboratório brasiliense, para experimento de soluções ousadas. No passado recente um tanto unilateralmente, mesmo com a melhor das boas intenções, tudo por decreto, de cima para baixo. A partir da Nova República, mais colegiadamente, como se anuncia de novo no seminário proposto pelo Governo local ao Ministério do Desenvolvimento Urbano e UnB, inclusive com participação internacional. Será outro forum da maior importância para o debate livre das dificuldades transparentes de Brasília, como convém a uma fase democrática, que se espera duradoura, mas só chegando lá se resolver seus problemas básicos.

São Cz\$ 15 bilhões e 226 milhões a verba total para os projetos de desenvolvimento urbano neste ano e no próximo. Para falar claramente, até que muito pouco, mas do que se pode dispor sem abalar os planos de contenção financeira, próprios à estabilização do cruzado, reivindicação nacional maior. E para Brasília se anuncia a vinda de parcela substancial desses recursos. O que não será favoritismo e, sim, uma vez mais, laboratório de resultados aproveitáveis pelo País inteiro. Seria demasiado alongar os resultados daqui generalizados. Proseguirá o esforço coletivo.